

A "opinião" da Folha de S.Paulo na reta final da eleição 2010¹

José Henrique P. e Silva*

Resumo

O trabalho visa encontrar o teor da "opinião" da Folha de S.Paulo na reta final da corrida presidencial em 2010 (26/9 a 31/10), a partir dos títulos, editoriais e comentaristas. Trata-se de uma análise quantitativa do material.

Palavras-chave: Folha de S.Paulo; eleição 2010.

Abstract

The work aims to find the content of the "opinion" the Folha de S. Paulo in the homestretch of the presidential race in 2010 (26/9 to 31/10), from the titles, editorials and commentators. It is a quantitative analysis of the selected material.

Keywords: Folha de S.Paulo; election 2010.

A mídia, nos últimos tempos, tem estado no centro de um debate delicado e que envolve algum tipo de controle e "vigilância" por parte de governos, ou de setores da sociedade civil. Este artigo não discute diretamente essa questão, mas oferece uma análise a partir de certo ângulo de visão, o do comportamento de um representante da grande mídia na disputa eleitoral de 2010. O objetivo é o de apresentar quantificações acerca dos títulos de capa, editoriais e comentários a partir do teor de seus conteúdos.

Patrick Charaudeau (2006) é um autor que contribui acerca de um melhor entendimento sobre como os diversos tipos de discurso se distribuem sobre o jornal. Ele nos fala que o conteúdo midiático é composto por diversos "gêneros discursivos" (editorial, comentaristas,

* Licenciado em História, Especialista em Sociopsicologia e Psicanálise, e Mestrando em Política no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, com dissertação sobre *A disputa pelo poder simbólico no escândalo do mensalão*. E-mail: psi.henrique@gmail.com

1 O uso do termo "opinião" é uma referência aos títulos de capa, editoriais e comentários da página de opinião.

análises, reportagens, investigação, perfis, crônicas, etc.), e que seriam através desses gêneros que a mídia buscaria alcançar seus maiores desafios: visibilidade (onde se tenta fazer com que a notícia seja percebida e atraia atenção), inteligibilidade (onde se opera a hierarquização no tratamento das notícias, tornando-as mais acessíveis quanto ao conteúdo) e espetacularização (onde se busca interesse e emoção por parte do consumidor da notícia).

Mais especificamente quanto à imprensa, cujo campo é o da escrita, diz-nos que a atividade discursiva dominante é a "conceitualização" e, para isso, voltam-se os objetivos daqueles desafios citados. Assim, a mídia buscará compor suas páginas de modo que as notícias sejam mais facilmente encontradas e apreendidas pelo leitor; expor, de forma mais clara possível os acontecimentos ocorridos no espaço público através de seu relato; e, como se situa predominantemente no campo discursivo, buscará o máximo de inteligibilidade em suas palavras, já que relata e, ao mesmo tempo, é opinativa.

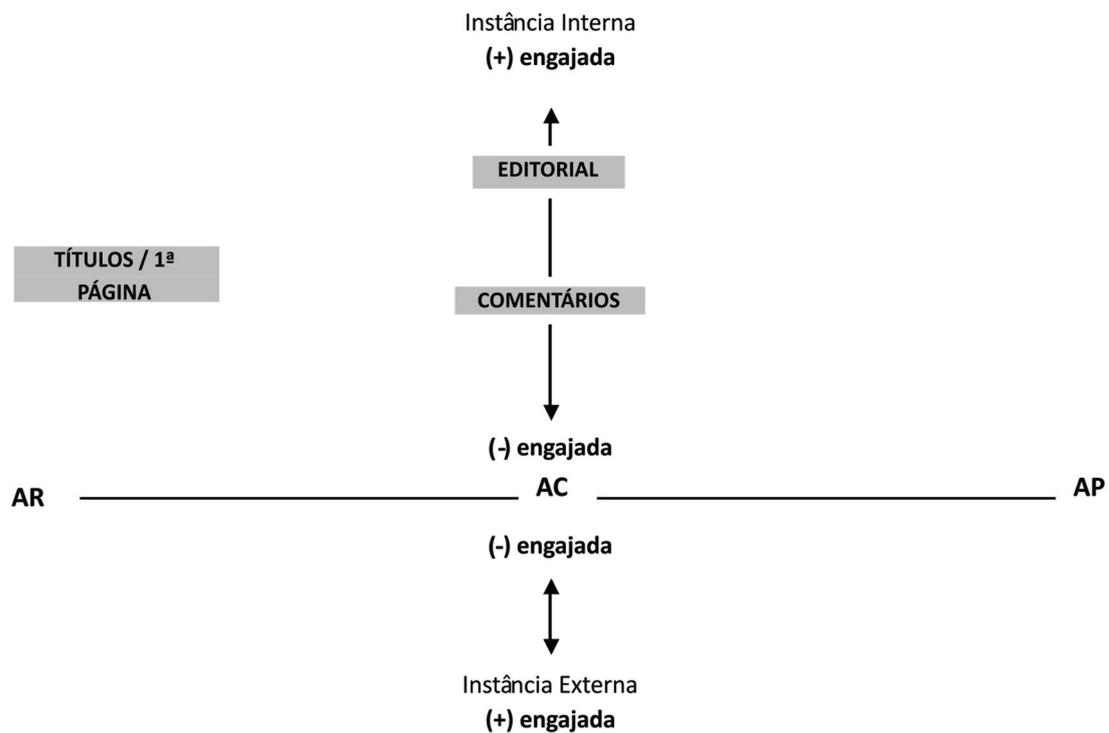
Entretanto, no espaço físico do corpo do jornal, os gêneros discursivos se espalham, sendo muito difícil uma classificação ou tipologia dessas formas textuais, já que suas diferenças quanto à forma como tratam o acontecimento não são tão nítidas assim, embora sua distribuição física o seja. Somente através de certos traços constitutivos "ideais", que aparecem de forma mais recorrente, é que se pode arriscar uma tipologia, como o faz Charaudeau. Ele parte, por exemplo, de dois eixos que se cruzam. Um diz respeito aos modos discursivos do tratamento da informação (relatar o acontecimento, comentar o acontecimento ou provocar o acontecimento, como é típico de debates), e outro fala dos tipos de instância enunciativa (se a origem do sujeito que escreve é externa ou interna), aos quais se superpõe um determinado grau de engajamento (+ ou -) da enunciação com a linha editorial do jornal. Em síntese, vejamos o que o autor nos fala a respeito dos gêneros "título", "editorial" e "comentários". Sobre o "título" nos diz que

encontram-se inteiramente na zona do "acontecimento relatado" mesmo que um ou outro apresentem, de maneira mais ou menos explícita, elementos de comentário. Estão situados no alto do eixo da instância interna, pois esta (jornalistas, conferência de redação, secretariado de redação) intervêm de maneira marcante na formulação dos títulos e em sua disposição, mas tendo um grau médio de engajamento (2006, p. 236).

Sobre o "editorial" diz que ele tem, "ao mesmo tempo, características do 'acontecimento comentado', o que os coloca no meio do eixo horizontal, e de um engajamento relativamente livre da instância midiática, o que os coloca no alto de eixo vertical" (p. 235). Quanto à discursividade, o editorial é predominantemente opinativo e voltado a acontecimentos sociais e políticos, tendo, inclusive, a liberdade de expressar um ponto de vista partidário, mas de maneira "argumentada".

Já os "comentários" "situam-se no meio do eixo horizontal porque se incluem na categoria de 'acontecimento comentado' e estão colocados numa altura média porque, embora os jornalistas sejam especialistas, eles são analistas engajados" (pp. 209-10).

O gráfico abaixo é oferecido pelo autor, e o adaptamos para o que ele fornece de indicações sobre, especificamente, a imprensa escrita. Trata-se mais de um "tipo ideal" que serve de instrumento para a análise de casos concretos.



Assim, numa síntese, temos que numa configuração de "tipo ideal", todos os gêneros em questão (títulos, editoriais e comentários) fazem parte da instância "interna" do jornal (são resultado da produção de colaboradores internos ao jornal). Os editoriais, por sua vez, nitidamente voltados ao comentário de acontecimentos, possuem alto grau de engajamento pois expressam o próprio pensamento da linha editorial dominante. Enquanto isso, os comentadores, também situados no âmbito dos acontecimentos comentados, situam-se em ponto intermediário em termos de engajamento, com certa autonomia em relação à linha editorial dominante. Já os títulos estariam bem mais sitiados na zona de acontecimentos relatados, como se fossem "chamadas", e também numa zona intermediária de engajamento em relação à linha editorial. Essa seria a situação do "tipo ideal".

O que vamos fazer é verificar, após a análise do teor dos conteúdos desses gêneros discursivos no período estipulado, que tipo de gráfico resulta. Estaremos tratando, portanto, dos títulos, editoriais e comentadores, como gêneros discursivos do jornal Folha de S.Paulo, no período de 26/9 a 31/10/2010, considerado como a "reta final" da campanha eleitoral para a Presidência da República.

Para isso, será apresentada uma tabela que é síntese das quantificações realizadas com o material selecionado no período em questão. É importante destacar que estamos falando de três gêneros discursivos (títulos, editoriais e comentários), quatro categorias de enquadramentos temáticos (Processo eleitoral, Governo Lula/PT, Campanha Dilma, Campanha Serra) e de uma classificação em cinco níveis quanto ao teor que é dominante no conteúdo do material analisado (diretamente favorável, indiretamente favorável, diretamente negativo, indiretamente negativo, neutro).

Tabela - Enquadramento e teor do conteúdo dos gêneros discursivos

Gênero discursivo	Enquadramento temático	Teor do conteúdo									
		Diretamente favorável		Indiretamente favorável		Diretamente desfavorável		Indiretamente desfavorável		Neutro	
		N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Títulos	Processo eleitoral	2	5,56							3	8,33
	Governo Lula-PT					6	16,67	2	0,72		
	Campanha Dilma	3	8,33	1	2,78	9	25,00	4	11,11	1	0,36
	Campanha Serra			1	2,78			1	0,36		
	Outros									3	8,33
Editoriais	Processo eleitoral	1	2,86			8	22,86			7	20,00
	Governo Lula-PT					6	17,14	3	8,57		
	Campanha Dilma					4	11,43	4	11,43		
	Campanha Serra			1	2,86	1	2,86				
Comentários	Processo eleitoral	1	1,33			16	21,33			28	37,33
	Governo Lula-PT					12	16,00	1	1,33		
	Campanha Dilma					10	13,33	2	2,67		
	Campanha Serra			1	1,33	4	5,33				

Nesta tabela, somente foram selecionados os materiais que dissessem respeito diretamente aos temas do enquadramento, exceto no caso dos títulos, onde todos foram considerados para as quantificações. Vejamos os principais resultados encontrados.

Editoriais

a) *a cobertura da campanha é fortemente crítica* – dos 35 editoriais que lidaram direta ou indiretamente com a campanha, 26 (74,29%) assumiram um tom crítico, seja ao processo eleitoral, seja a aspectos do governo ou das candidaturas;

b) *os editoriais também são desfavoráveis à candidatura governista* – em um certo alinhamento com os títulos de capa, 45,71% dos editoriais do jornal são direta ou indiretamente desfavoráveis ao governo (25,71%) ou à candidatura Dilma (22,86%);

c) *o processo eleitoral é comentado* – interessante notar que outros 45,71% dos editoriais que se dedicaram à política nesse período fizeram referências diretas ou indiretas ao processo eleitoral, mostrando a disposição em comentar aspectos extra-campanha que estavam em jogo nessa disputa. Podemos dizer que, na cobertura política do jornal através dos editoriais, quando não está sendo objeto de comentário o processo

eleitoral, é o governo ou a candidatura Dilma que se transformam no foco de atenção do jornal.

Títulos de Capa

a) *a disputa eleitoral domina os títulos de capa* – das 36 edições, 33 (91,7%) dizem respeito à temas políticos e, direta ou indiretamente, da disputa eleitoral, e, das 36 edições, 27 (66,6%) dizem respeito direta ou indiretamente às campanhas de Dilma e Serra;

b) *os títulos são desfavoráveis à candidatura governista* – percebe-se claramente uma forte concentração de títulos nos temas "governo Lula-PT" e "Campanha Dilma". A questão é que 58,33% dos títulos de capa, neste período, foram direta ou indiretamente negativos, seja para o governo (22,22%), seja para Dilma (36,11%), o que evidencia uma cobertura bastante crítica com relação à candidatura governista, atingida direta ou indiretamente. É evidente que, por se tratar de um segundo turno, onde o caráter plebiscitário ganha espaço, e numa eleição onde o presidente Lula teve participação além do normal, era de se esperar uma cobertura marcante sobre os temas governamentais e sobre a candidata governista. O que fez a diferença foi o conteúdo predominantemente negativo desta cobertura. Os demais títulos distribuem-se entre temas e teor diversos;

c) *predomina o tratamento "indireto" das campanhas* – há um claro domínio do "efeito indireto" de favorecimento ou desfavorecimento, o que leva o leitor a ter que fazer alguma associação com determinada candidatura. Essa opção pelo "indireto" (evitar citar diretamente alguma candidatura) surge a partir de um maior espaço dado nos títulos aos chamados "casos" Erenice, quebra de sigilo fiscal, vigilância sobre a mídia, aborto, suspeita de corrupção no metrô, etc. É através, principalmente, destas questões de caráter investigativo que os títulos de capa acabam por favorecer ou desfavorecer indiretamente as candidaturas;

d) *não há um claro domínio do "relato" sobre o comentário* – os títulos da Folha de S.Paulo, no período estudado, apresentam forte presença de "comentário". Não se limitam a relatar o acontecimento, de forma dominante, como sugere Charaudeau como algo típico da imprensa. Talvez, por se tratar de uma reta final de campanha onde a postura investigativa e o teor crítico acentuam-se, os aspectos de comentário tornam-se tão importantes quanto os do relato de fatos e acontecimentos. Certamente é

uma forma inteligente e atrativa de chamar a atenção para a notícia mas, justamente por isso, desliza para o âmbito do acontecimento comentado;

e) *estrito engajamento com a linha editorial* – outro aspecto a ser destacado é que os títulos de jornal apresentam forte engajamento com a linha editorial do jornal, como evidenciam a concentração temática sobre o governo Lula e a campanha de Dilma.

Comentários

Os comentadores de política da Folha de S.Paulo selecionados foram os da página de Opinião, A2, mas não todos, somente aqueles que lidaram diretamente com a política e as eleições. Desse modo, nem todos os comentadores foram selecionados, e nem todos os comentários dos comentadores selecionados foram escolhidos. O filtro central foi a disputa eleitoral. Desse modo, foram selecionados 75 comentários, distribuídos da seguinte maneira: Fernando de Barros e Silva (22), Eliane Cantanhêde (21), Fernando Rodrigues (15), Clóvis Rossi (4), Fernando Canzian (4) Carlos Heitor Cony (3), Hélio Schwartsman (3), Ricardo Melo (1), Luiz Viana (1), Ruy Castro (1). Aqui, também, o objetivo será exclusivamente o de quantificações. Qualquer análise qualitativa das intencionalidades ideológicas dos discursos e os sentidos mobilizados para o exercício da crítica, será deixada para outra oportunidade.²

Mas, voltemos ao objetivo central, a análise das quantificações. Assim, podemos elencar as seguintes características quanto aos comentários da Folha de S.Paulo no período da reta final das eleições 2010.

a) *uma cobertura essencialmente crítica* – dos 75 comentários analisados, 42 (56%) possuem um teor de conteúdo acentuadamente crítico, desfavorável, seja ao processo eleitoral, seja ao governo Lula-PT,

2 No que diz respeito às “intencionalidade ideológicas”, isso exige um esclarecimento sobre a relação mídia/política/ideologia. Em síntese, parto do suposto que a mídia, na atualidade, é um espaço central de produção, circulação e disseminação de formas simbólicas que expressam visões de mundo que se pretendem hegemônicas. É, em seu espaço, principalmente, mas jamais exclusivamente, que a esfera pública encontra a possibilidade de visualizar e internalizar (jamais passivamente) sentidos e representações. A “intencionalidade ideológica”, portanto, parece-me inerente à mídia, assim como o é ao discurso político e outras esferas que produzem, fazem circular e disseminam formas simbólicas que expressam visões de mundo que se pretendem hegemônicas. Para essa finalidade recomendaria Thompson (2005). Para ele, os “modos de operação da ideologia” são “modos” específicos através dos quais a ideologia opera na sua relação com o poder, através dos quais o sentido é mobilizado para explicar ou comentar o poder político, por exemplo. O autor alerta-nos que tais “modos” não são os únicos, nem operam independentemente uns dos outros, podendo se sobrepor.

seja às campanhas de Dilma e Serra. Trata-se de uma opinião muito crítica a da Folha de S.Paulo sobre o processo eleitoral como um todo.

b) *uma cobertura especialmente crítica do governo e da campanha Dilma* – se observamos somente os comentários críticos e desfavoráveis voltados exclusivamente para o governo Lula-PT e para a campanha Dilma temos 29,33% dos comentários destinados a tecer observações críticas sobre esses dois temas (e somente 5,33% para a candidatura Serra);

c) *uma cobertura de fatos específicos do processo eleitoral* – outro traço relevante da opinião da Folha de S.Paulo na reta final da campanha 2010 é que o tema que ocupou a maior atenção dos comentaristas é justamente o do processo eleitoral em si, na sua multiplicidade de ângulos e situações. Foram 44 (58,67%) comentários voltados para situações específicas do processo eleitoral, não voltadas diretamente para alguma candidatura;

d) *o comportamento dos comentadores* – no que diz respeito aos comentadores mais frequentes, podemos dizer que também seguiram a tendência de concentrar seus comentários em aspectos diversos do processo eleitoral, sem se concentrar em uma ou outra candidatura específica. Fernando de Barros e Silva, por exemplo, dedicou 54,55% de seus comentários sobre política a aspectos específicos do processo eleitoral, e outros 22,73% a questões diretamente ligadas à candidatura Dilma; Eliane Cantanhêde, por seu lado, dedicou 45% de seus comentários também a aspectos gerais do processo eleitoral, com a característica de análises mais equilibradas, neutras, com relação às candidaturas, embora, quando trata diretamente das candidaturas ou de aspectos do governo Lula, seja sempre desfavorável em suas críticas; por fim, Fernando Rodrigues dedicou 60% de seus comentários sobre política a aspectos do processo eleitoral, com a característica de ser marcadamente equilibrado em suas análises;

f) *engajamento com a linha editorial* – os comentaristas seguiram, em linhas gerais, o procedimento editorial do jornal, ou seja, lidar de forma acentuadamente crítica com os aspectos do processo eleitoral, do governo Lula e da candidatura Dilma;

Fica claro, portanto, nesta reta final, um comportamento fortemente crítico e razoavelmente alinhado (títulos, editoriais e comentaristas), o que é uma postura muito típica da visão de "cão de guarda". Quanto a

isso, em sua análise sobre o Senado nos editoriais dos jornais paulistas nos anos de 2003 e 2004, Azevedo e Chaia (2008) afirmam que

[...] a Folha de S.Paulo rastreou os acontecimentos e acompanhou de perto as questões públicas a partir de uma perspectiva construída e automeada pelos próprios editorialistas do jornal como de um "cão de guarda" que fiscaliza o poder em nome do leitor. O jornal não poupou críticas aos "usos e costumes" do Congresso Nacional (quase sempre a partir de casos individuais) (p. 203).

Esta questão específica de tratar a "instituição" negativamente a partir da observação de casos individuais tem, de um lado, um forte teor ideológico ao não perceber o seu papel institucional e, de outro lado, um forte teor crítico já que, apesar de serem os comportamentos individuais a base para a avaliação da instituição, é inegável que tais comportamentos individuais negativos, expressos, quase sempre, no fisiologismo, constituem uma forte proporção no conjunto dos políticos.

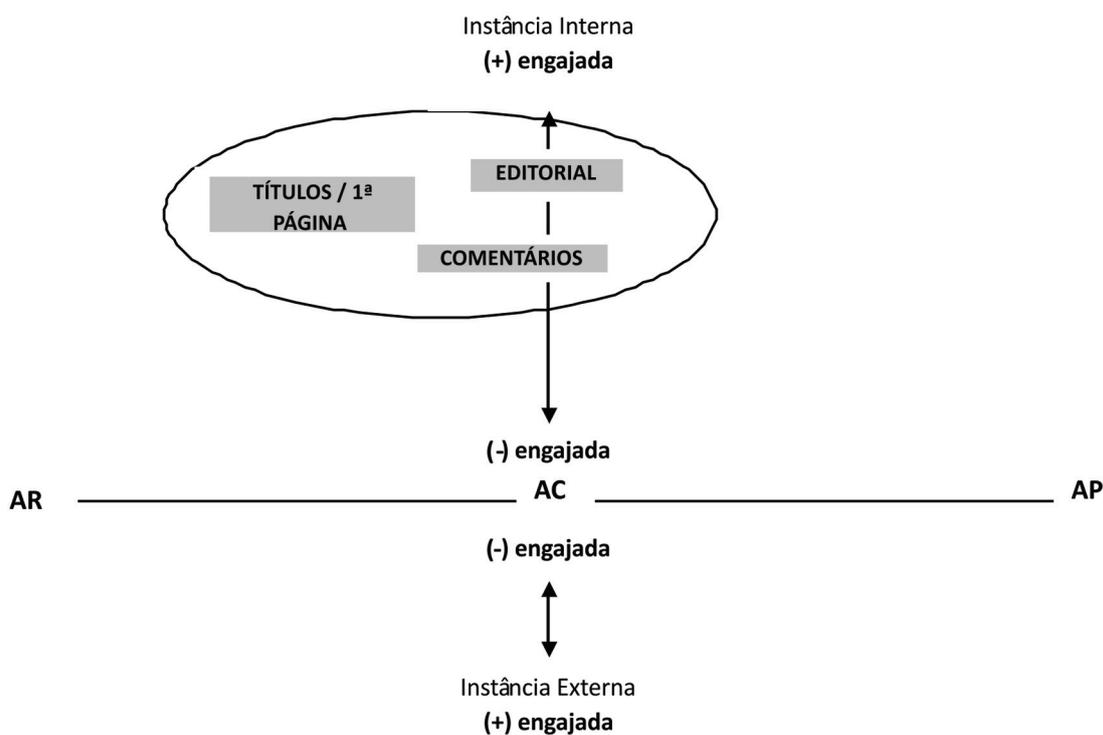
O que ressalto, então, é o fato de que muito desse teor crítico esteve presente na "opinião" da Folha de S.Paulo na reta final da eleição 2010. Assim, em relação ao tipo ideal sugerido por Charaudeau para situação dos gêneros discursivos na imprensa a análise dos títulos, editoriais e comentários da Folha de S.Paulo nos revela que, no período da reta final da campanha presidencial, o gráfico apresenta-se de outra forma: há uma aproximação entre os três gêneros em relação a um maior engajamento com a linha editorial do jornal.

Isso se explica pelo fato dos títulos praticamente repetirem o comportamento da linha editorial com relação aos temas e teor do conteúdo e apresentarem forte característica de comentário e não simplesmente relato. Por outro lado, os comentários também se aproximam dos editoriais e deslocam-se um pouco na direção dos acontecimentos relatados pela forte presença de análises do processo eleitoral em si, sem maior implicação direta com uma ou outra campanha. Não dá para afirmar que este seja um padrão da Folha de S.Paulo, mas é possível dizer que ele se manifestou na reta final da campanha.

Isso nos sugere falar numa hipótese segundo a qual, em determinados momentos, como o da reta final de uma campanha eleitoral, há uma diminuição do espaço de autonomia dos gêneros discursivos ligados à "opinião" do jornal, como justamente os títulos, editoriais e comentadores.

Trata-se de um momento em que, como vemos no gráfico abaixo,

o grau de engajamento entre os gêneros discursivos é maior e diminui sua tendência a limitar-se a relatar os acontecimentos, pois torna-se necessário utilizar-se, acentuadamente, da "conceitualização" através do comentário acerca do acontecimento. E, é esse comentário que, nesta reta final, na Folha de S.Paulo, adquiriu um tom fortemente crítico.



Anexo A – Síntese dos editoriais

26/9 – *No Labirinto* – a discussão e votação da lei da ficha limpa, embora salutar e necessária, dá-se em contexto impróprio, criando insegurança jurídica para as eleições. *Todo poder tem limite* – em que pesem os acertos do presidente, ele tem se deixado levar pelo entusiasmo de ondas eleitorais e rebatido, com força desproporcional à garantia das liberdades, às críticas por parte da imprensa.

28/9 – *Mordaza* – a decisão de um desembargador do TRE-TO em proibir diversos veículos de comunicação de divulgarem notícias que associam o governador Carlos Gaguim (candidato à reeleição) é uma investida que cerceia a divulgação livre de fatos. É mais um caso da indesejável judicialização da política.

30/9 – *Metas sociais* – é fato que o panorama social brasileiro melhorou nas últimas décadas, mas a realidade ainda está muito distante da fala da propaganda oficial. Um exemplo são as políticas de transferência de renda que têm desempenhado papel relevante na redução das desigualdades, mas que precisam, gradativamente, ser substituídas por capacitação profissional, oferta de emprego e melhores serviços públicos.

1/10 – *Política Externa* – há um maniqueísmo tosco na condução da política externa, muitas vezes para aplacar frustrações da militância partidária doméstica, evidenciado nos casos de Cuba e Irã e no contencioso exibicionista contra os EUA. É preciso acabar com as contradições entre os objetivos de nossa diplomacia e os modos utilizados para alcançá-los.

2/10 – *Continuar crescendo* – o editorial elenca uma série de efeitos positivos da economia no dia a dia do cidadão, mas chama a atenção para a extrema necessidade de aumentar a eficiência do Estado como garantia fundamental para a continuidade do crescimento econômico. Só a inércia não será suficiente. É preciso sair da letargia do conforto que gera excesso de confiança.

3/10 – *Segundo turno* – Após apontar as vantagens trazidas pelo 2º turno, ao criar maiorias e resultados mais maduros, o jornal apela a um necessário melhor teste entre a candidata oficial (favorita, com a popularidade alheia) e a oposição. *Hegemonia tucana* – ao comentar a possibilidade de continuidade tucana no governo de SP, o jornal aponta a responsabilidade, o bom padrão administrativo dos governos sucessivos, mas destaca que, apesar de tudo, ainda faltou imprimir maior ritmo nas realizações, e maior impacto.

4/10 – *Rasuras e borrões* – os impasses, rasuras e variações sofridas pela Lei da Ficha Limpa, que deveria atuar claramente sobre esta eleição, frustra em boa parte as expectativas de um processo eleitoral sem os caricatos da corrupção, em que pese já ter causado um efeito colateral positivo nos eleitores.

5/10 – *Nova oportunidade* – Em seu balanço dos resultados do 1º turno para as três principais candidaturas, o jornal enfatiza a frustração de Dilma e sua, agora, menor facilidade em esconder-se à sombra de Lula num 2º turno onde o eleitor parece querer menos marketing e mais debate. *Inédita maioria* – o destaque é para a maioria qualificada (3/5) alcançada pelo governo na Câmara e no Senado, em boa parte resultado do esforço pessoal do presidente. Tal fato só aumentará a força gravitacional exercida

pelo Executivo, que já é muito forte no Presidencialismo brasileiro.

6/10 – *Opinião flexível* – o vai e vem das posições do PT e Dilma sobre o aborto é fruto da necessidade de permanecer no poder. Diz mais respeito à "sobrevivência" do partido no poder, que a qualquer debate esclarecedor.

7/10 – *O papel do presidente* – aliados criticaram a atuação agressiva de Lula no 1º turno. Mas, a crítica segue o oportunismo e a conveniência eleitoral, e não princípios ou valores. Lula não soube se comportar como chefe de Estado. Trata com desdém a Justiça Eleitoral e tem arroubos inadequados. O 2º turno seria uma prova de que o povo não está disposto a aceitar a tutela do governo.

8/10 – *Sigiloso tribunal militar* – Em busca por documentos oficiais de Dilma sob a guarda da justiça militar, o jornal teve acesso negado sob a suspeita de querer criar um fato político em época eleitoral. Mas, o que haveria de tão perturbador em tais documentos cuja divulgação, legítima, poderia parecer "uso político"?

10/10 – *Obscurantismo* – O tema da descriminalização do aborto é complexo e exige uma discussão racional e franca, mas na disputa eleitoral tem predominado o obscurantismo. Os candidatos "defendem a vida", mas nenhum se propõe revogar os dispositivos que já existem na legislação. *Não é boa* – o ministro F. Martins teria dito que no país a imprensa é livre, mas não é boa. Certamente, quando divulga escândalos e corrupção não é boa mesmo. É esta postura que o ministro não gosta. Estranho é o Executivo tão engajado numa questão que é do Congresso. Há um inconformismo que aumenta diante do triunfalismo eleitoral. O ministro precisa se civilizar nesta questão.

12/10 – *A fé nos boatos* – as especulações religiosas dominaram boa parte do 1º turno, mas o que foi decisivo na reta final, para a mudança de voto, foram as denúncias de corrupção na Casa Civil. Mas, o fato de Dilma passar a acusar o adversário de uma cruzada ultraconservadora para desmoralizá-la seria para deixar em segundo plano as explicações sobre a Casa Civil. *Mais ensino técnico* – os candidatos expressam um bem vindo consenso sobre a necessidade de incrementar a oferta de ensino técnico no país.

13/10 – *Os males dos Correios* – os Correios, antes símbolo de eficiência, são marcados pelo que há de pior na administração pública. Permanentemente loteados, têm na distribuição de agências

de atendimento sem licitação um enorme atrativo. A saída seria fazer a empresa enfrentar um mercado competitivo, mas isso vai contra a campanha contra a privatização feita pelo governo.

14/10 – *Debate mais claro* – quase ninguém duvida da importância do 2º turno para os debates sobre os pontos fundamentais da vida do país, entretanto, as regras dos debates na TV e a influência do marketing eleitoral, tentando monitorar os candidatos, acaba por idiotizar a política.

15/10 – *Acupuntura* – a contratação de um acupunturista para a Casa Civil é mais um caso de confusão que o PT faz entre vida doméstica e vida pública. Ele é auxiliar do pai, que já atende Lula e Dilma.

16/10 – *Girando em falso* – em que pese o clima de agitação, há uma estabilidade na preferência eleitoral. É mais um exemplo de que a questão religiosa, ainda em debate, não produz efeitos imediatos. Por isso a campanha gira em falso e, por isso, discute-se a possibilidade de trazer Lula à tona.

17/10 – *Caricatura eleitoral* – o descompasso entre os calendários eleitoral e da justiça, ao contrário de produzir uma situação mais qualificada, criou "Weslian Roriz", uma candidatura artificial, inventada por um populista de plantão. É muito pior que Tiririca.

18/10 – *Consumo em alta* – as vendas do comércio varejista, estimuladas pela expansão do emprego, da renda e do crédito, continuam crescendo. Mas, a produção industrial não. O alerta é para o fato do Brasil continuar sendo um país caro para se investir industrialmente.

19/10 – *Neutra* – Não é surpresa a neutralidade de Marina. Ela está de olho em 2014 e quer fortalecer-se como 3ª via. Terá 4 anos para transcender os limites do discurso verde e de seu partido.

21/10 – *Ofertório eleitoral* – multiplicam-se as promessas populistas de Serra quanto a ser um amplificador das políticas sociais do lulismo. Não é o que se espera de um político tão comprometido com a responsabilidade fiscal.

22/10 – *Descontrole* – as campanhas parecem atingir novo grau de exacerbação: o de ameaças físicas. É um prolongamento do que já ocorre no mundo virtual e midiático (violência simbólica). Ora, são candidaturas pouco polarizadas ideologicamente, que dizer em termos de alianças. Mas, o presidente Lula acaba dando estímulos com suas acusações e tiradas de humor primitivo.

23/10 – *Colcha e retalhos* – a justiça eleitoral brasileira, além de ser

uma colcha de retalhos, tenta tutelar o eleitor como se este fosse incapaz de se proteger diante dos candidatos. É preciso simplificar as normas que regulam as campanhas políticas, com maior sensatez.

24/10 – *Torpor imprevidente* – há um torpor imprevidente com relação aos temas que podem garantir o ritmo do crescimento econômico. Hoje, a estabilidade está muito assentada no comércio com a China. Mas nenhuma candidatura enfrenta este debate. *Sob controle* – a aprovação pela Assembléia Legislativa do Ceará de um conselho estadual de comunicação social já é um dos efeitos da vontade do PT em um controle social sobre os meios de comunicação. Que tipo de imprensa almeja tal conselho?

26/10 – *O Executivo é a lei* – Diante do histórico excesso de MP's editadas pelo Executivo e do conluio entre parlamentares que pouco discutem a questão e se aproveitam dos abusos, é de se imaginar, na hipótese da vitória petista, em que Dilma contará com ampla maioria consensual, a que ponto chegará a submissão do Legislativo.

27/10 – *Versões de Erenice* – Com a vinda à tona das mentiras de Erenice, fica claro que ela buscava poupar Dilma do escândalo do balcão de negócios que havia criado na Casa Civil, sob o nariz da própria Dilma.

28/10 – *Na reta final* – O horário eleitoral e os debates terminam com a sensação mais de exaustão que esclarecimento. Os debates são engessados, numa quase encenação democrática. Há pouca chance deste último debate de amanhã alterar o favoritismo de Dilma.

29/10 – *O Estado na economia* – o debate das privatizações é oportuno, mas foi demagógico e oportunista, e não sobreviverá ao fechamento das urnas. É uma pena, pois há muito o que ser feito e corrigido quanto às ações do Estado.

31/10 – *Iguais e Diferentes* – as trocas de acusações e os lances mercadológicos substituíram a discussão de propostas concretas. Quais as diferenças entre Dilma e Serra? Dominou a pasteurização, a manipulação e a simplificação das questões. No final, são dois candidatos moderados, o que não deixa de ser um sinal de amadurecimento político.

Anexo B – Relação de títulos de capa

- 26/9 – PT repete os erros do mensalão, diz Marina
- 27/9 – Presidência incha no governo Lula
- 28/9 – Dilma cai em todas as regiões e crescem as chances de 2º turno
- 29/9 – Dilma tenta frear perda de voto com apelo à militância
- 30/9 – Dilma interrompe queda
- 1/10 – TSE vai considerar nulo voto dado a fichas-sujas
- 2/10 – Aliado de líder de governo joga pela janela R\$100 mil
- 3/10 – Dilma tem menor índice em 50 dias; 2º turno segue indefinido
- 4/10 – Subida de Marina força 2º turno entre Serra e Dilma
- 5/10 – PT já discute retirar aborto do programa de governo
- 6/10 – Lula cobra ajustes na campanha de Dilma
- 7/10 – Marina critica apetite do PV por ministérios
- 8/10 – Rodoanel vai se ligar a Cumbica e à marginal Tietê
- 9/10 – Escândalo nos Correios favorece os franqueados
- 10/10 – Nordeste garante vantagem de Dilma sobre Serra no 2º turno
- 11/10 – Caso Erenice tirou de Dilma mais votos do que as Igrejas
- 12/10 – Justiça bloqueia os bens de gigante da tecnologia
- 13/10 – Recall de carro passa a constar de Renavam
- 14/10 – Governo revê plano de Marina para Amazônia
- 15/10 – Comitê de Dilma vai ampliar uso de Lula na campanha
- 16/10 – Dilma mantém a vantagem de oito pontos sobre Serra
- 17/10 – Irmão de diretor de estatal negocia projetos de energia
- 18/10 – Dilma e Serra tentam se afastar de ex-assessores
- 19/10 – Estatais bancam revista pró-Dilma proibida pelo TSE
- 20/10 – PF liga quebra de sigilo fiscal de tucano à pré-campanha de Dilma
- 21/10 – Jornalista admite à PF que encomendou informações
- 22/10 – Vantagem de Dilma sobre Serra sobe a 12 pontos
- 23/10 – Assessor da campanha de Dilma hospedou repórter
- 24/10 – Estatais ampliam quadros em 30% no governo Lula
- 25/10 – Após Ceará, três estados planejam vigiar mídia
- 26/10 – Erenice depõe à PF e admite reunião que sempre negou
- 27/10 – SP interrompe obras do metrô sob suspeita
- 28/10 – Ficha limpa vale para a eleição deste ano, decide STF
- 29/10 – Papa cobra ação eleitoral de bispos contra o aborto
- 30/10 – Servidor do BB acessou conta de EJ "por engano"
- 31/10 – Dilma Rousseff deve ser eleita hoje, diz Datafolha

Referências bibliográficas

AZEVEDO, F. A. e CHAIA, V. L. M. (2008). O Senado nos editoriais dos jornais paulistas (2003-2004). *Revista Opinião Pública*, v. 14, n. 1, pp. 173-204. São Paulo, Unicamp, CESOP (Centro de Estudos de Opinião Pública). Disponível em: http://www.cesop.unicamp.br/site/htm/revistas_artigos.php?rev=42. Acesso em: 25/11/2010.

CHARAUDEAU, P. (2006). *Discurso das Mídias*. São Paulo, Contexto.

THOMPSON, J. B. (1995). *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Vozes.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp> – Deste site foram retirados os materiais referentes à Folha de S.Paulo. O material (títulos de capa, editoriais e comentários) encontra-se disponível para assinantes do jornal ou do UOL. Ao acessar e abrir a página consulte "pesquise as edições anteriores".